

Polêmicas da vida (pós)moderna: o embate entre Ferréz e Luciano Huck**Ana Paula Franco Nobile BRANDILEONE***

Resumo: Em 2007, ganhou as páginas do jornal contenda envolvendo o apresentador da Rede Globo, Luciano Huck, e o escritor Ferréz, importante articulador das vozes periféricas na literatura. Luciano Huck teve seu relógio da marca Rolex roubado por duas pessoas em uma motocicleta, em bairro rico de São Paulo. O lance seguinte e decisivo foi um artigo escrito pela vítima, sob o título de “Pensamentos quase póstumos”, publicado na *Folha de S. Paulo*. Entre as reações imediatas suscitadas por este artigo teve intensa reverberação o ponto de vista expresso por Ferréz, cujo texto foi publicado no mesmo espaço do jornal, com o título de “Pensamentos de um correria”, publicado posteriormente em *Os ricos também morrem* (2015). À vista do exposto, esta comunicação objetiva localizar e analisar as divergências que envolvem estes protagonistas no campo das ideias, considerando, ainda, a irradiação de problemáticas relacionadas ao contexto social, histórico e cultural.

Palavras-chave: Polêmica. Luciano Huck. Ferréz. Repercussão midiática.

Polemics of (post)modern life: the clash between Ferréz and Luciano Huck

Abstract: In 2007, the main newspapers of the country published the clash involving Rede Globo host, Luciano Huck, and the writer Ferréz, an outstanding articulate writer of the peripheral voices in literature. Luciano Huck had his Rolex watch stolen by two people on a motorcycle, in an upper-class neighborhood in São Paulo. The next and decisive move was an article written by the victim, under the title of *Pensamentos quase póstumos*, published in the newspaper *Folha de São Paulo*. The article raised immediate reactions. The one written by Ferréz expressing his point of view had an intense reverberation and it was published in the same space of the newspaper, under the title of *Pensamentos de um correria*, later published in *Os ricos também morrem* (2015). From the above, this essay aims to raise and analyze the divergences which involve those protagonists in the field of thoughts, taking into account the irradiation of issues related to the social, historical and cultural context.

Keywords: Controversy. Luciano Huck. Ferréz. Media repercussion.

* Professora Doutora – Centro de Letras Comunicação e Artes – Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP - campus de Cornélio Procópio - Pr 160, Km 0 (saída para Leópolis), CEP: 86.300-0000, Cornélio Procópio. Paraná, Brasil. E-mail: apnobile@uenp.edu.br

1 Contextualizando a polêmica

Em outubro de 2007, ganhou as páginas do jornal uma contenda envolvendo o apresentador da Rede Globo, Luciano Huck, e o escritor Ferréz, importante articulador das vozes periféricas na literatura.

No final de setembro de 2007, Luciano Huck teve seu relógio de marca Rolex roubado por duas pessoas em uma motocicleta, em um bairro rico da zona sul de São Paulo; estava precisamente na Rua Renato Paes de Barros, no bairro Jardins. Huck estava em um automóvel dirigido por um importante empresário amigo seu, cujo relógio, da também sofisticada grife Bulgari, teve o mesmo destino (mas nem de longe este último fato obteve igual repercussão nos meios de informação). O carro estava parado diante de um sinal vermelho, quando os motociclistas emparelharam e o passageiro da moto apontou um revólver para a cabeça do apresentador, exigindo que lhe fosse entregue o presente recebido de sua esposa de aniversário. Um tipo de crime muito recorrente nos congestionamentos de trânsito da cidade.

O lance seguinte e decisivo foi um artigo escrito pela vítima, refletindo sobre o episódio. Sob o título de “Pensamentos quase póstumos”, o texto foi publicado na seção “Tendências/Debates” do jornal *Folha de S. Paulo*, um dia após o ocorrido, no dia 1º de outubro de 2007¹, no qual o apresentador apela para os sentimentos dos leitores: “Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destrocada. Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio. Por quê? Por causa de um relógio”. Assumindo tom de desabafo, Huck declarou ainda que, como brasileiro, sentia “[...] até pena dos dois pobres coitados [...]” que haviam praticado a ação, inferindo que “não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades”. Contudo, apesar da aparência inicialmente concessiva, observou que tal carência “[...] não justifica ficar tentando matar as pessoas [...]” e que o lugar dos assaltantes “é na cadeia”. Mais adiante provoca, recorrendo a clichês e reitera preconceitos presentes na sociedade brasileira:

Onde está a polícia? Onde está a "Elite da Tropa"? Quem sabe até a "Tropa de Elite"! Chamem o comandante Nascimento! Está na hora de discutirmos segurança pública de verdade [...]. Onde estão os projetos? Onde estão as políticas públicas de segurança? Onde está a polícia? Quem compra as centenas de relógios roubados? Onde vende? Não acredito que a polícia não saiba. Finge não saber. Alguém consegue explicar um assassino condenado que passa final de semana em casa!?! (HUCK, 2007, s/p).

Na passagem acima, Huck retoma o filme “Tropa de Elite”, no qual se evidencia a violência contra os pobres que cometem crimes, constatando que esta seria a única forma de controlar a violência urbana no país. Assim, a violência, na opinião do apresentador, justifica-se quando usada em nome do controle social e na manutenção de determinada ordem de poder na sociedade. Mais à frente e de modo mais severo, acrescenta:

Passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes e como tentar fazer este país mais bacana. TV diverte e a ONG que presido tem um trabalho sério e eficiente em sua missão. Meu prazer passa pelo bem-estar coletivo, não tenho dúvidas disso. Como cidadão paulistano, fico revoltado. Juro que pago todos os meus impostos. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa. (HULK, 2007, s/p).

E, no final do texto, afirma: “Desculpem o desabafo, mas hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio. Isto não está certo.”

Este artigo encontrou uma extraordinária repercussão na mídia, materializada em cartas enviadas para a redação do jornal, em artigos jornalísticos, em matérias para programas de rádio e de televisão e em debates na internet. Entre as reações imediatas suscitadas pelo artigo de Huck também teve intensa repercussão o ponto de vista expresso por Ferréz, cujo texto foi publicado no mesmo espaço do jornal, uma semana depois, com o título de “Pensamentos de um correria” que, hoje, compõe a coletânea de contos *Os ricos também morrem*, publicado em 2015. Ferréz imaginou o ladrão como sendo um “correria”, ou seja, alguém que ataca com grande pressa e de modo repentino. Fabulou o drama de seu personagem literário como o de um morador de periferia, habitando próximo do lixo, com pai ausente, padrasto violento, filho para cuidar, mãe alcoólatra, parentes dependentes dos frutos colhidos em suas ousadias e correrias. Para Ferréz, o correria é uma pessoa que se pergunta, espantado, como é possível alguém usar no braço um objeto cujo valor permitiria a compra de várias casas no bairro distante ou na favela em que reside:

A hora estava se aproximando, tinha um braço ali vacilando, se perguntava como alguém pode usar no braço, algo que dá para comprar várias casas na sua quebrada. Quantas pessoas, que conheceu, trabalharam a vida inteira, sendo babá de meninos mimados, fazendo a comida deles, cuidando da segurança e limpeza deles, e no final ficaram velhas, morreram, e nunca puderam fazer o mesmo para os seus filhos. (FERRÉZ, 2015, p.100)².

Ferréz, para responder ao texto de Huck, opta por escrever um conto numa seção do jornal *Folha de S. Paulo*, “Tendências/Debates”, que não prevê a forma textual ficcional. Desse modo, segundo destaca Carolina de Oliveira Barreto, em dissertação concluída em 2011, o autor tensiona o lugar do texto de opinião, evidenciando que é ficção, criada com base em determinado ponto de vista. Além disso, assegura a autora, desestabiliza os objetivos da própria seção do jornal, pois ao escolher o conto como gênero textual mais apropriado, mostra que a ficção seria mais potente em trazer à tona as divergências e as diferenças nos comentários dos leitores, por parte das tensões entre experiência e linguagem e pelos diferentes níveis de referência do texto no mundo. Contudo, esta estratégia trouxe problemas para o autor. Entre defensores e acusadores de um e de outro, Ferréz ficou com a pior: foi indiciado por apologia ao crime, por construir um texto literário no qual o narrador mostraria, ao longo do texto, os pensamentos e a ação do “correria”:

Ele anda devagar entre os carros, o garupa está atento, se a missão falhar, não terá homenagem póstuma, deixará uma família destrocada, porque a sua já é, e não terá uma multidão triste por sua morte. Será apenas mais um coitado com capacete velho e um 38 enferrujado jogado no chão, atrapalhando o trânsito. (FERRÉZ, 2015, p.98).

Eis a polêmica conclusão do texto ficcional: “No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio.” (FERRÉZ, 2015, p.100).

Considerando a intensa repercussão dos textos publicados por Huck e Ferréz em diversos meios de comunicação, com direito a reportagem no Fantástico, no dia 07 de outubro daquele ano, cujo tema foi o roubo de relógios em São Paulo, houve quem se colocasse a favor ou contra eles. Juliana D’Arêde (2008), em artigo decorrente de trabalho de Iniciação Científica³, transcreve diversas manifestações, que ora se põem em defesa de um e contra o outro, ora em defesa de um e de outro. Na primeira categoria enquadram-se os sujeitos que condenam os argumentos utilizados por Ferréz no texto, apoiando-se em aspectos ligados à segurança, ao direito de propriedade e de manifestação:

O Ferréz não é legítimo representante da periferia coisa nenhuma. Rapper não representa periferia. Cantor, artista, não representa periferia. São uma minoria dentro da periferia, que não sabe o que é trabalhar tendo que cumprir horário, tendo que bater ponto e aguentar insulto de patrão. Quem representa a periferia é a imensa maioria de cidadãos trabalhadores que não suportam ter seu celular roubado pelo marginal que mora na rua de trás. (ARÊDE, 2008, s/p).

Ou ainda:

Não vejo fascismo algum em querer um pouco de segurança. Não vejo onde se encaixa defesa ao vagabundo, ladrão, desgraçado que aponta uma arma à cabeça de um jovem pai de família para roubar um relógio, seja ele de 10 reais ou de 100 mil reais. Não importa o valor do que é roubado, o que importa é que aquele objeto não pertence ao ladrão. (ARÊDE, 2008, s/p).

O *rapper* também foi acusado de considerar que somente os pobres podem ser virtuosos, além de sugerir que os ricos, “eles”, são desprovidos de sentimentos nobres:

O pensamento de Ferréz é determinista, preconceituoso e irreal. É determinista porque, segundo ele, o assaltante rouba por ser pobre, excluído e induzido ao crime pelo consumismo, a ideologia das elites. Se todos agem em razão de determinismos sociais, não há lugar mesmo para a moral. Salve-se quem puder, tudo pode ser justificado. É preconceituoso porque, para ele, os sentimentos nobres só podem estar no lado dos oprimidos. O assaltante rouba para cuidar de sua família, para sustentar muitas pessoas. Ele não iria para um programa de auditório, ele não gosta de heróis norte-americanos, ele não bate, prefere atirar (quanta virtude...). Finalmente, é irreal porque nenhum desses pressupostos é demonstrável. Não se explica a criminalidade somente pela privação econômica, como também, não existe virtude só entre os mais pobres. E a popularidade dos super-heróis e programas de auditório é incontestavelmente maior entre menos favorecidos. Sobra alguma coisa? Bem, o artigo é divertido e atinge o objetivo: chocar. O problema é que não agrega nada para uma discussão em sociedade, para uma ação coletiva. (ARÊDE, 2008, s/p).

Por outro lado, Huck foi apontado como oportunista, de agir apenas em seu próprio interesse, de se apresentar mais como celebridade que como pessoa, como “personalidade” mais que como cidadão e de se assumir implícita ou explicitamente como superior:

Por que um cidadão vem a público mostrar sua revolta com a situação do país, alardeando senso de justiça social, só quando é roubado? Lançando mão de privilégio dado a personalidades, utiliza um espaço de debates políticos e adultos para reclamações pessoais (sim, não fez mais que isso), escorado em argumentos quase infantis, como "sou cidadão, pago meus impostos". (ARÊDE, 2008, s/p).

O mesmo argumento foi apresentado no trecho a seguir:

Ostentação está fora de moda. O cara quer andar pelas ruas com um Rolex, aqui no Brasil, onde a desigualdade social é tão grande, e ainda sair ileso? Quer ostentar, pague o preço. Não tem nada que chorar. Assume o prejuízo, que a fila está andando. Celebridade não tem imunidade diplomática. (ARÊDE, 2008, s/p).

Outra tônica das manifestações, segundo Arêde, relaciona-se aos meios de comunicação que, “ocupam o centro do debate”. De um lado questiona-se os critérios que

norteiam a escolha do que será notícia, bem como os privilégios concedidos pelas mídias às pessoas famosas, com poder ou dinheiro; críticas dirigidas diretamente ao apresentador:

O que se deve ter em foco é a repercussão que o assalto ou violência, a que todos nós cidadãos, ricos ou pobres, estamos sujeitos, recebe quando ocorre com uma "celebridade" [...]. Da mesma forma, os diários se escandalizam quando a vítima da violência é alguém de classe mais alta, em contraponto à omissão no relato de casos que acontecem aos milhares em locais menos nobres das cidades. (ARÊDE, 2008, s/p).

Neste episódio, algum jornalista na *Folha*, provavelmente contrário à criação de órgãos regulatórios para sua profissão, presentes em dezenas de outras categorias, decidiu que isto seria notícia e pronto. Agora, qual terá sido o critério adotado para esta decisão? Será que foram os seis milhões de dólares da fortuna pessoal do apresentador? Será que foi a sua notoriedade? Será que foi sua dita competência como empresário e presidente de ONG? Será que foi sua retórica de botequim? Ou será porque temas como este vendem jornal? (ARÊDE, 2008, s/p).

As manifestações também colocaram em destaque a baixa qualidade da programação veiculada pela televisão brasileira, o que inclui os programas apresentados por Huck, seja quando estava na Rede Bandeirantes de Televisão, dedicando-se ao “Programa H”, ou na Rede Globo, desde 1999, com “Caldeirão do Huck”:

O que este senhor Huck faz, de fato, para minimizar a violência, as diferenças sociais, a falta de oportunidade da maioria da população? Pelo que sei, seu programa semanal apresenta somente besteiro desmedido e o culto à futilidade que em nada contribuem para a educação ou melhoria da nossa sociedade. (ARÊDE, 2008, s/p).

Em relação à fama e a competência do Sr. Huck. Seria conveniente lembrarmos que a ascensão do mesmo, nesta máquina de fabricar idiotas, que é a nossa televisão, deveu-se a exibições explícitas de sadomasoquismo e pornografia barata em seu programa na Band. É claro que ele, como qualquer cidadão, sofre com a violência que impera nos dias de hoje. Mas não seria o caso de questionar a sua contribuição à caótica situação em que vivemos, com seu sensacionalismo barato de início de carreira e também a contribuição do veículo do qual ele faz parte? (ARÊDE, 2008, s/p).

A última citação acima é matéria de discussão do conto de Ferréz aqui em análise que, ficcionalizando a tônica dos programas de Huck, sobretudo do seu antigo programa na Rede Bandeirantes, com as personagens Feiticeira e Tiazinha, recrimina abertamente os processos de manipulação que sustentam os esquemas de dominação, exclusão e violência, os quais emanam dos meios de comunicação. Violência que, no entanto, não é física, como a praticada por bandidos e criminosos brutais, mas simbólica, a do sistema, que

reduz a vida ao controle e à programação do mercado, ao jogo de aparências, ao sucesso a qualquer preço:

Estava decidido, iria vender o relógio e ficaria de boa talvez por alguns meses.

O cara pra quem venderia poderia usar o relógio e se sentir como o apresentador feliz que sempre está cercado de mulheres seminuas em seu programa.

Se o assalto não desse certo, talvez cadeira de rodas, prisão ou caixão, não teria como recorrer ao seguro nem teria segunda chance.

O correria decidiu agir. Passou, parou, intimou, levou. (FERRÉZ, 2015, p.100).

Houve, porém, quem se colocasse em defesa de um e de outro. No que se diz respeito a Huck, uma das alegações fundamentou-se no direito de propriedade individual:

O apresentador, pelo pouco que conheço de sua vida particular, trabalha desde cedo, conquistou sua fortuna com competência e talento, nunca o vimos envolvido em escândalos ou em jornais de fofocas quentíssimas e infames, sabemos ter ele certo toque de Midas (e o que os críticos com sua revolta têm a ver com isso?) e parece-me, certamente, que ele tem todo o direito de ter um Rolex ou um carro de três dígitos ou o que quer que seja que desperte atenção de pessoas. (ARÊDE, 2008, s/p).

Esta discussão, não raro, aparece vinculada a uma perspectiva moral e política:

Luciano Huck não é culpado de nada. Ele é vítima. Quem de nós pode tirar dele o direito de andar de Rolex? Quem de nós pode criticar uma pessoa que ganha dinheiro (honestamente, diga-se) com trabalho? A não ser os invejosos do talento e das oportunidades alheias. Esses deviam se envergonhar. Deveriam mirar sua língua enorme, feia e invejosa para cima daqueles que envergonham o país lá em Brasília. Deveriam saber que, um dia, o coitado do “sujeito que nunca teve oportunidade, então teve que roubar” poderá apontar uma pistola bem no meio de suas caras. Será que nesse momento eles vão se lembrar do capitão Nascimento? (ARÊDE, 2008, s/p).

Mas Ferréz também encontrou apoio, afirma Arêde; argumentação fundada na vulnerabilidade dos sujeitos à margem da sociedade:

A exclusão social não justifica a delinquência ou o pendor ao crime, mas ninguém poderá negar que alguém sem direito a escola, que cresce num cenário de miséria e abandono, está mais vulnerável aos apelos da vida bandida. Por seu turno, pessoas públicas não são blindadas (seus carros podem ser) e estão sujeitas a roubos, violências ou à desaprovação de leitores, especialmente se cometem textos fúteis sobre questões tão críticas como essa. (ARÊDE, 2008, s/p).

2 Por uma leitura da contenda

Dadas as intensas manifestações, as quais tiveram lugar nos mais diferentes espaços midiáticos, tentando qualificar e/ou desqualificar os enunciados e seus enunciadores, importa dizer que grande parte dos leitores do jornal ignoraram as apropriações que Ferréz faz do texto de Huck. Pois ao mesmo tempo que se vale de elementos do texto do apresentador, ficcionaliza o episódio vivido por ele.

Desse modo, muitos que leram o conto de Ferréz ignoraram as referências explícitas ao texto de Luciano Huck, bem como o uso da ironia e do humor que dão lugar nos momentos em que o *rapper* dialoga com o texto do apresentador, a fim de desestabilizar a lógica da discriminação que funda o ponto de vista deste, mas também a própria seção do jornal (BARRETO, 2011): “Leu em algum lugar que São Paulo está ficando indefensável, mas não sabia o que queriam dizer, defesa de quem? Parece assunto de guerra” (FERRÉZ, 2015, p.99). Neste trecho, o autor interage com a passagem do texto de Huck, que diz: “Adoro São Paulo. É a minha cidade. Nasci aqui. As minhas raízes estão aqui. Defendo esta cidade. Mas a situação está ficando indefensável” (HUCK, 2007, s/p). Ou ainda quando o narrador, de forma onisciente, afirma, de modo oposto àquilo que em seu artigo Huck fabulou sobre si e sobre os eventuais desdobramentos de sua morte. Enquanto o apresentador revela que, como figura pública, sua morte seria sentida com pesar por muitas pessoas – tanto sua família quanto seu público, incluindo o governador e o presidente⁴ –, que ficariam pesarosas caso tivesse recebido “balas de chumbo na testa”, o “correria” não teria qualquer pessoa que chorasse por ele. Caso viesse a fracassar em sua missão criminosa, diferente do que Huck imagina para si, não haveria manchete no *Jornal Nacional* ou nem mesmo o fato chegasse aos rodapés do noticiário dos periódicos. Portanto, Ferréz ironiza, tangenciando com sarcasmo o texto do apresentador: “Leu em algum lugar que São Paulo está ficando indefensável, mas não sabia o que queriam dizer, defesa de quem? Parece assunto de guerra” (FERRÉZ, 2015, p.99).

Ignorar, portanto, o diálogo de “Pensamentos de um correria” com o texto de Huck, bem como a sua carga ficcional, é concebê-lo como um registro do “fato como ele foi” e, assim, ser incapaz de reconhecer os recursos expressivos utilizados por Ferréz, os quais ampliam as possibilidades de compreensão do texto. Leitura equivocada da maioria dos leitores, que não apenas põe a nu os valores que nutre parte da sociedade brasileira, mas também que transformou uma peça ficcional em caso de tribunal.

Com o objetivo de ainda apontar algumas razões que possam ter levado o público leitor a entender o conto de Ferréz como “fato” e não como “ficção”, é que tomaremos como objeto de análise o conto “Esquece”, de Marcelino Freire que, igualmente, toma como tema

o roubo de um Rolex como pretexto para compor o retrato da periferia⁵. A “missão” de trazer para o centro das discussões a massa dos excluídos sociais para tratar da desigualdade social e econômica, da criminalidade, das injustiças, da miséria e da violência policial, também marca a produção literária de Marcelino Freire. Sua escrita possui, ainda, a pretensão de tornar visível a voz periférica, por meio de uma estratégia narrativa na qual o próprio excluído narra a sua história; marca da produção ficcional de Ferréz.

“Esquece” foi publicado na coletânea de contos *Contos Negreiros*, de 2005, na qual são narrados acontecimentos comuns na vida de sujeitos comuns que, antes emudecidos, agora veiculam as suas experiências do dia a dia. O conto aqui em discussão não apenas põe à mostra o retrato do espoliado, como também assume o ângulo do espoliado, uma vez

que o discurso é produzido sob a sua perspectiva. Mas apesar de ter voz, não tem nome. Assumindo a voz narrativa, o protagonista define o que é violência aos olhos de um excluído social, duplamente marginalizado – assaltante e negro: “Violência é pensar que tudo deu certo e nada deu certo porque quando você tem um policial ali perto e outro policial ali perto querendo salvar o patrimônio do bacana apontando para a nossa cabeça um 38 e outro 38 à paisana.” (FREIRE, 2011, p.32).

Importa considerar que, embora o narrador-protagonista fale em seu nome, o depoimento testemunhal articula-se com uma verdade coletiva, além de pessoal, apesar do tom de desabafo assumido pela narrativa. Sob esta perspectiva, “Esquece” não narra apenas a ficção de um jovem de uma favela, mas a historicidade de todo um espaço marginalizado. Assim, a própria trajetória do personagem confunde-se com a de outros sujeitos, o que torna a história privada do personagem uma história coletiva. No ensaio “Literatura e vida”, Giles Deleuze apresenta uma definição do fazer literário das minorias que aqui nos interessa: “Embora remeta a agentes singulares, a literatura é agenciamento coletivo da enunciação.” (DELEUZE, 1997, p.14-15).

O tom coletivo do conto está expresso em várias passagens do texto, seja pelo uso dos pronomes pessoais “a gente” e “você” ou pelo pronome possessivo “*nossa* esperança”, o que remete para uma trajetória individual que, entretanto, é partilhada por um mesmo destino coletivo. É, então, com esse tom coletivo que o narrador-personagem aponta os elementos constituintes da sua opção pelo assalto: “Violência é acabarem com a *nossa* esperança de chegar lá no barraco e beijar as crianças e ligar a televisão e ver aquela mesma discussão ladrão que rouba ladrão a aprovação do mínimo ficou para a próxima semana.” (FREIRE, 2011, p.32, grifo nosso). O desfecho, por sua reincidência, seja na ficção seja na realidade, é conhecido. Sem dinheiro, pai de família, sem oportunidades seguras, volta a assaltar: “Violência é *a gente* ficar com a mão levantada cabeça baixa em frente à multidão e depois entrar no camburão roxo de humilhação e pancada e chegar na

delegacia e o cara puxar a nossa ficha corrida e dizer que vai acabar *outra vez* com a *nossa vida*” (FREIRE, 2011, p.32, grifos nossos).

Por esse viés, o conto de Marcelino Freire poderia ser lido como veículo para a propagação de uma orientação política e pedagógica: trilhar o caminho do crime aponta para uma única saída, a morte, já anunciada, aliás, pela analogia estabelecida entre navio negreiro e camburão, vaticinada na epígrafe do conto. Seria de orientação pedagógica e política não fosse a ironia que perpassa o texto e que coloca de cabeça para baixo o discurso do agente subalterno que supostamente assume o risco de praticar assaltos por não possuir outra forma de sobrevivência, ou seja, por lhe faltar toda e qualquer perspectiva de vida.

A ironia torna-se ainda mais ácida e reveladora quando o sujeito demonstra incorporar a prática do assalto como um ofício. Aspecto que salta aos olhos a partir do momento em que oferece ao leitor a crueza da realidade periférica, que se apresenta no texto sob a lógica das agruras vividas por um assaltante negro nas ruas de uma metrópole:

Violência é a *gente* aquele sol e o cara dentro do ar condicionado uma duas três horas quatro esperando uma melhor oportunidade de a *gente* enfiar o revólver na cara do cara plac.

Violência é ele ficar assustado porque a *gente* é negro ou porque a *gente* chega assim nervoso a ponto de bala cuspidando gritando que ele passe a carteira e passe o relógio enquanto as bocas buzizam desesperadas.

Violência são essas buzinas e essa fumaça e o trânsito parado e o outro carro que não entende que se dependesse da gente o roubo não demoraria essa eternidade atrapalhando o movimento da cidade. (FREIRE, 2011, p.31-32, grifos nossos).

Na esteira dessas considerações e dos trechos acima transcritos, pode-se afirmar que o discurso do sujeito marginal desvela, no entanto, uma “outra” representação da realidade periférica, cheia de contradições, estereótipos e clichês discursivos, pondo por terra o jogo de máscaras que (muitas vezes) habita a voz da realidade das margens: “Violência é a gente receber tapa na cara e na bunda quando socam a gente naquela cela imunda cheia de gente e mais gente e mais gente pensando como seria bom ter aquele carrão do ano e aquele Rolex, mas isso fica pra depois uma outra hora. Esquece” (FREIRE, 2011, p.33).

Há aí, portanto, uma clara opção pela paródia do universo marginal, que se constrói com base na apropriação do discurso do marginal que, no entanto, é desconstruído. Isto é, dialoga com ele e nele se inscreve como um libelo. Diante dessa realidade, a representação passa a ser entendida como uma construção que se exhibe e se esconde ao mesmo tempo.

Diverso da maioria da produção literária marginal que traz para o centro da sua produção literária uma forma de representação do grupo subalterno que busca captar o

retrato de uma realidade marcada pela vulnerabilidade social, violência e miséria, resultando em uma imagem que se revela mais fiel à percepção do autor sobre seu próprio território do que um dado realista sobre ele, como é o caso de “Pensamentos de um correria”, “Esquece”, ao dar voz à periferia pela escrita literária, oferece, à primeira vista, a perspectiva de um sujeito marginalizado que se coloca como vítima da opressão e da exclusão sociais e que para ganhar o “pão de cada dia” se vê impelido a assaltar. Entretanto, o que o conto desvela, sob o viés do riso antropofágico e, por isso, carnavalizante que Marcelino Freire impõe ao discurso do sujeito marginal, é um enfoque que, apesar de se configurar como uma realidade experimentada e vivida cotidianamente, é controverso. Pois o narrador-personagem, num discurso que mistura cinismo a uma constatação de desagregação total dos valores pelo desejo de possuir um relógio Rolex – emblema do mundo do consumo – exhibe um “efeito do real” que agride os padrões éticos, porque a mimetização do real se faz de uma perspectiva de compreensão limitada ao universo emocional e cognitivo do personagem, o que permite aflorarem pontos de vista inusitados e relato de experiências inconfessáveis de transgressão a valores e a normas de comportamento.

Nesse sentido, Marcelino Freire coloca em cena uma atitude provocativa e desafiadora não só dos valores vigentes, mas também da realidade da periferia. Desse modo, o autor surpreende ao associar a violência ao mundo do consumo, e não especificamente à pobreza e/ou à luta pela sobrevivência; lugar-comum nos textos literários que põe em destaque as vozes periféricas, como o conto de Ferréz aqui em análise.

Assim, se por um lado Marcelino Freire problematiza o discurso do marginal, Ferréz, por outro, não questiona a atividade do “correria”; ao contrário, apresenta-o sob a perspectiva de um sujeito marginalizado que se coloca como vítima da desigualdade social e que para sobreviver se vê compelido a assaltar. Mas, ao mesmo tempo, é delineado como alguém fascinado pelos bens de consumo, mitificados de um lado pela publicidade e, por outro, que atribuem *status* a seus proprietários no contexto da comunidade a que pertencem: “Ainda menino quando assistia às propagandas, entendia que ou você tem ou não é nada, sabia que era melhor viver pouco como alguém, do que morrer velho como ninguém” (FERRÉZ, 2015, p.99).

Nesse contexto, se por uma perspectiva o conto de Ferréz acena para uma realidade parcial e imaginária e, portanto, ficcional, de outra, sinaliza para um contexto sócio-histórico que não pode ser atrelado a uma categoria de mera ficção, já que o “correria” exhibe-se para o leitor como um sujeito que pode ser encontrado no cotidiano das grandes cidades, frustrando, portanto, a classificação do texto como ficção em virtude de sua probabilidade factual. Além disso, o fato de o autor utilizar a sua própria trajetória de vida como ex-

morador da favela como elemento fundante de sua produção ficcional, empurra o conto para um frágil pacto ficcional.

A identificação de Ferréz com o universo que descreve, a qual confirma o próprio valor-verdade de sua escritura, traz ainda um novo desdobramento que pode ser compreendido como outro fator que arrastou o autor para a delegacia. A articulação da identidade de Ferréz com o universo que representa confere uma presença emotiva dentro dos textos e não simplesmente uma entidade onisciente; configuração também presente em “Pensamentos de um correria”. Aspecto que leva o narrador a simpatizar-se com a história que narra, induzindo o escritor a revelar-se como uma subjetividade que brota da imersão na vida do personagem que descreve. Nesta perspectiva, o *rapper* assume, a partir disso, seus pensamentos, perspectivas e sentimentos, deixando-se, pois, dominar pela lógica do “correria”, o que claramente conduz a ficção para um projeto de simpatia humana pela periferia. Sem falar do ponto de vista maniqueísta que assoma do conto, já referenciado anteriormente, que também está associado à intrínseca relação entre a voz do próprio escritor que se mistura à voz ficcional.

Esta configuração do texto, não raro de grande parte da narrativa marginal, vincula-se a um projeto literário de transformação social e de cunho, portanto, intervencionista. Não por acaso, apela para a conscientização do leitor, ao apresentar as armadilhas a que estão sujeitos os residentes no território periférico ao se deixar levar pela violência invisível do sistema, disfarçada na sedução do consumo. Desse modo, o discurso, que se quer artístico, acaba se subordinando a uma opção claramente política e ética, mas também pedagógica. Assim, o texto literário assume um contorno formativo que, mais do que formar leitores consumidores de textos literários, quer formá-los enquanto sujeito. Nesse sentido, a literatura passa a instruir, já que o conto pode ser lido como histórias de proveito e exemplo, seja pelo lado positivo seja pelo negativo.

Diante do exposto, a passagem da posição de objeto para a de sujeito permite ao autor marginal não apenas projetar a sua voz, a fim de articular uma crítica inovadora das raízes da desigualdade social mas, de posse da linguagem e dos meios de expressão, “tomar de assalto” o território das letras, privilégio daqueles que antes detinham o controle das representações, ainda que frequentemente incapaz de transformar o sentimento e a ideia em algo propriamente criativo.

Os desdobramentos relativos à escritura do conto também ganharam as páginas do prefácio do último livro de contos de Ferréz, *Os ricos também morrem*. Diferentemente de “Terrorismo Literário”, prefácio que abre a coletânea de contos *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, publicada em 2005, aqui fala em seu nome e não em nome de outros autores marginais, já que nesta última coletânea é autor de todos os contos. Se por um lado

o episódio é objeto de queixa do autor – “Algumas palestras canceladas, as revistas e jornais a favor da ‘vítima’, meu nome jogado aos porcos” (FERRÉZ, 2015, p.11) – por outro, põe em evidência a gratidão e o reconhecimento por parte daqueles para quem escreve: “E nos becos e vielas, recebia abraços” (FERRÉZ, 2015, p.11). Na saída da delegacia, além da presença de jornalistas, do escrivão e do delegado, que lhe ameaçara de prisão, “[...] um leitor solitário na porta da delegacia, com um livro na mão, dizendo que estava lá para me dar uma força” (FERRÉZ, 2015, p.11). Para Ferréz, a motivação para que o seu texto ficcional fosse transformado em caso de polícia está no compromisso de sua literatura – “literatura marginalizada” – com “[...] os que usam a camisa com o nome da sua quebrada”. “Tumultuando a escrita, vi minha vida sendo tumultuada também” (FERRÉZ, 2015, p.11).

Diante das discussões anteriormente apresentadas, pode-se dizer que a grande repercussão de ambos os artigos na mídia deveu-se menos ao incidente, que é localizado – roubo de um Rolex ocorrido em um sinal de trânsito da cidade de São Paulo – e mais ao fato de ele estar relacionado de um lado a uma celebridade global e símbolo inequívoco de alta posição social e, de outro, a um sujeito que se situa em um lugar social e ideológico diverso. Por expandir-se como acontecimento de importância nacional, o roubo envolvendo o apresentador revela, em última instância, conflitos latentes da sociedade brasileira, ligados a dramas sociais bem mais complexos, como a desigualdade social⁶. A oposição entre ricos e pobres está, portanto, representada pelos personagens desta história. De um lado por Ferréz, escritor que se liga ao território marginal e cuja produção literária busca captar o retrato da realidade dos sujeitos periféricos e, de outro, por Luciano Huck, que se liga à alta elite brasileira e cujo programa, além de visar ao entretenimento, possui um quadro dentro da programação que tem por objetivo expor sujeitos, não raro endividados, a uma atividade que, se cumprida, o ajudará a pagar a dívida. Este quadro televisivo é explicitamente criticado por Ferréz em “Pensamentos de um correria”: “Era da seguinte opinião: nunca iria num programa de auditório se humilhar perante milhões de brasileiros, se equilibrando numa tábua pra ganhar o suficiente pra cobrir as dívidas, isso nunca faria, um homem de verdade não pode ser medido por isso” (FERRÉZ, 2015, p.99).

Em um país desigual como o nosso, cuja justiça possui pesos e medidas diversas, dependendo de onde vem e de onde fala, é que o lugar de enunciação dos textos inscreve-se como uma pista para que um fosse levado ao tribunal e o outro não. Diferentemente de Ferréz, o dono do Rolex tratou o filme *Tropa de elite* como sendo “o fato como foi” e não como ficção, e nem por isso foi acusado de apologia ao crime por indicar que os métodos de coerção e violência utilizados no filme seriam eficazes para combater a violência. Nesse contexto, o apresentador poderia ser indiciado por incitar a violência e o preconceito. A pergunta que fica é se o que rege a leituras de ambos os textos estaria assentado na

dificuldade de distinguir fato de ficção ou no preconceito, fundamentado no julgamento de determinado conteúdo pela origem do autor.

Nesta perspectiva, os personagens envolvidos não apenas apontam para focos de tensão na sociedade, mas também constituem oportunidades para os atores envolvidos e para a própria sociedade refletirem sobre si mesmos. A unidade da sociedade, por este viés teórico, não se faz apenas pelo consenso, nem mesmo apesar dos dissensos, mas também por meio de seus conflitos.

Recebido em: 25/09/2017

Aprovado em: 02/10/2017

NOTAS

¹ Todas as citações referentes ao texto de Huck se apresentarão sem citação de página, já que no texto não consta a paginação.

² A paginação das citações do texto de Ferréz, referem-se à publicação do conto na coletânea *Os ricos também morrem*.

³ O artigo foi publicado na internet, mas não há indicação se divulgado em revista científica. Por isso a ausência de referência completa e de paginação ao longo do artigo.

⁴ “Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destroçada. Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio” (HUCK, 2007).

⁵ Análise integral deste conto pode ser encontrado no artigo publicado em 2014, na *Revista Antares*, v. 6, n. 12, intitulado “A representação de territórios marginais na ficção brasileira contemporânea: os casos de Ferréz e Marcelino Freire”.

⁶ O crime ainda evoca simbolicamente questões como o desemprego, a propriedade privada, o caos urbano, a insegurança, a educação, a justiça, a miséria, a democracia, entre outras.

REFERÊNCIAS

ARÊDE, Juliana. Representações do corpo na cultura midiática. 2008.

BARRETO, Carolina de Oliveira. *Narrativa da “fátia imaginada”*: Ferréz, Sérgio Vaz, Dugueto Shabazz, Allan da Rosa. 2011.155f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

FERRÉZ. Pensamentos de um correria. In: *Os ricos também morrem*. São Paulo: Planeta, 2015. p.97-100.

FREIRE, Marcelino. *Contos Negreiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HUCK, Luciano. Pensamentos quase póstumos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 01 out.2007. Opinião. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0110200708.htm><http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0810200708.htm>. Acesso em: 20 set. 2017.